

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

17/16

CARTILHAS DE ALFABETIZAÇÃO:
ADOTIVAS OU ADOTANTES ?

Célia Regina Colferai de Paiva

MONOGRAFIA apresentada como exigência
parcial para aprovação na Disciplina
EP-150 - Sistemática do Trabalho In-
dividual e de Grupo.

Campinas, junho de 1991.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	02
2. A UTILIZAÇÃO DA CARTILHA	04
2.1. Aspectos Positivos	
2.2. Aspectos Negativos	
3. O OUTRO LADO DA MOEDA	07
3.1. Cartilha: Dependência Comprovada	
4. CONCLUSÕES	09
NOTAS	11
BIBLIOGRAFIA ;	12
ANEXOS	14

Dedico a

meus pais

e ao

meu noivo

Para que nasçam virtudes é
necessário semear recompensas.

(Provérbio Oriental)

1. INTRODUÇÃO

Minha curiosidade em saber como as cartilhas de alfabetização são usadas nas escolas públicas data de, aproximadamente, dois anos atrás.

Durante os dois primeiros anos do Magistério, não tive nenhum contato com a idéia da não-adoção de um livro-texto. No terceiro ano tive uma professora que condenava totalmente a alfabetização baseada numa cartilha. Entretanto, o acontecido durante todo o ano foi que, na teoria, aprendia o quanto era errado adotar um livro didático e, na prática, durante os estágios, via os professores até humilharem os alunos que tentavam criar algo diferente de seu livro.

A partir daí comecei a me perguntar: Qual posição é a correta? É possível não adotar a cartilha? Que caminho seguirei, enquanto professora?

Sinceramente, não conseguia chegar a uma solução, pois o tradicionalismo existente em mim era tão grande quanto minha vontade de mudar.

É por tudo isso que o assunto tratado em minha Monografia é a utilização das cartilhas nas escolas públicas, ou seja, são tratadas como um meio ou como um fim, como adotivas ou adotantes?

Eu procurei fazer uma pesquisa que se aproximasse da realidade, para isto consultei alguns artigos que, de modo geral, condenam a cartilha e, paralelamente, fiz uma coleta de informações junto a professores da primeira série do primeiro grau. Gostaria, então, de relatar o fato de encontrar muita dificuldade na realização das entrevistas; em geral, os diretores não deram permissão para que eu entrasse nas escolas, a solução foi entregar questionários para as professoras, aí surgiu outro problema pois não conseguia pe-

gá-los de volta.

Como não obtive uma amostra considerável da realidade, tive que basear meu trabalho mais nos textos.

Apesar de todas as dificuldades encontradas, creio ter atingido o objetivo de meu trabalho, pois através dele consegui responder as questões que me motivaram a escolher este assunto.

2. A UTILIZAÇÃO DA CARTILHA

As cartilhas de alfabetização, apesar de questionadas e condenadas por muitos especialistas em Educação, ainda vêm sendo usadas, por um grande contingente de professores, como principal ferramenta de trabalho.

Ainda hoje, há professores afirmando que "a cartilha é o instrumento fundamental no processo ensino-aprendizagem" (1).

Isto ocorre porque permanece uma idéia errônea de que é uma boa alfabetização. Pais e professores, em sua maioria, acreditam que "o sucesso da alfabetização depende exclusivamente do uso de uma boa cartilha" (2).

Neste trabalho será analisado os aspectos positivos e os negativos da cartilha, assim como as consequências de sua má utilização, de modo que se esclareça seu papel no processo de alfabetização.

2.1. Aspectos Positivos

A utilização da cartilha, segundo os que defendem o seu uso, traz resultados positivos, por exemplo:

- simplifica o trabalho do professor, pois oferece textos prontos e exercícios já formulados;
- o aluno tem o material sempre "à mão", facilitando o estudo em casa;
- professor e aluno centralizam-se num único tema;
- os alunos aprendem, facilmente, a grafia correta, por estarem sempre consultando a cartilha;
- o horário das aulas é melhor aproveitado, uma vez que o professor não precisa perder tempo passando textos ou exer-

cícios na lousa.

Além disto, há um aspecto muito interessante que não é fácil de perceber, mas é importante, principalmente, nas classes de baixa renda. A criança destas classes dificilmente tem contato com um livro; quando chega a hora dela ir à escola, quer ter um livro, um livro "seu", pois isto já é uma tradição: todas crianças que entram na escola têm seu livro.

Para esta criança não interessa o nome, o número de páginas, nem mesmo os desenhos, o que ela quer é ser "dona" de um livro. Neste caso, a cartilha serve como um suporte psicológico. Para os educandos a cartilha é tão "essencial quanto os talheres nas refeições"⁽³⁾.

2.2. Aspectos Negativos

Analisando o emprego da cartilha, observa-se que as conseqüências negativas são numerosas e bastante significativas; porém, muitas vezes, imperceptíveis àqueles que a utilizam.

Quando o professor não sabe usar a cartilha, acaba se tornando "figurante" na aula, pois "quem ensina, na verdade, é o autor da cartilha, à distância"⁽⁴⁾. Agindo desta forma, acaba subestimando sua própria capacidade, assim como a de seus alunos, restringindo-se, exclusivamente, ao conteúdo do livro didático.

O aluno, por sua vez, torna-se agente passivo já que a cartilha o direciona à simples decodificação da escrita, sem haver real compreensão do objeto de estudo. Paralelamente, esta conduta vai "podando" sua capacidade de raciocinar devido a própria estruturação dos textos e exercícios

contidos na cartilha. Não podemos considerar estes textos como histórias devido a inexistência de começo, meio e fim.

O autor utiliza-se de frases fragmentadas, que enfatizam um determinado fonema, colocando-as sob o mesmo título, sem que haja uma relação lógica entre elas.

Além disso, "as histórias" fogem da realidade vivida pelos alunos, estando as mesmas impregnadas de preconceitos raciais, sócio-econômicos e machistas.

3. O OUTRO LADO DA MOEDA

Como já foi dito, anteriormente, as cartilhas trazem conseqüências negativas por basearem-se em processo mecânico, onde se evidencia a memorização aliada à coordenação motora, ficando o raciocínio renegado a segundo plano. O que agrava ainda mais esta situação é o despreparo do professor alfabetizador. As causas são inúmeras e, à primeira vista, mostram-se irreversíveis, por estarem enraizadas na estrutura educacional e política do país.

Os alunos que procuram escolas com a Habilitação Magistério, geralmente, não o fazem conscientes da responsabilidade que isto acarreta. Infelizmente, o veiculado é que o curso de Magistério é fácil, por não enfatizar matérias de exatas e, depois de terminá-lo, o aluno que entrar na Rede Estadual de Ensino tem emprego garantido, além de ser cômodo, pois trabalha-se meio período. Estas são algumas das inúmeras idéias absurdas que uma boa parcela da população leva consigo.

Grande parte dos professores que lecionam nestes cursos, nunca ^{tiveram} tiveram experiência como alfabetizadores, tornando o ensino estanque da realidade. A maioria destes professores ensinam técnicas, métodos, processos de avaliação, além da escolha de uma "boa" cartilha.

Recém-formado, o professor cai no mercado de trabalho e, sem esperar, tem às mãos uma classe de alfabetização. Inexperiente, inseguro e despreparado, agarra-se a uma cartilha e não solta mais; trabalha do primeiro ao último dia de aula, da primeira à última página da "boa" cartilha. Ao final do ano, considera ter atingido seu objetivo: os alunos estão "alfabetizados", pois sabem ler e escrever.

Com um trabalho mal remunerado e desvalorizado, o

professor não tem condições econômicas, nem boa vontade para fazer cursos de reciclagem, quando ^é oferecido, atualizando-se e crescendo no exercício de sua profissão.

Ano após ano, as aulas deste mesmo professor vão se tornando idênticas. As portas da criatividade fecham-se para ele e a cartilha transforma-se na protagonista da aula. Seu papel de alfabetizador fica encoberto pelas teias do comodismo, fazendo com que a rotina vá se empoeirando com o decorrer dos dias.

3.1. Cartilha: Dependência Comprovada

A principal consequência da má formação profissional que os professores tiveram é a dependência que sofrem do livro didático. Segundo o educador Rodolfo Ilari, "não é de estranhar se muitos continuam encontrando, intuitivamente, no exemplo de seus antigos mestres ou de colegas mais velhos, os melhores pontos de referência para sua própria didática" (5).

Alguns professores conseguem perceber que a utilização da cartilha não traz resultados satisfatórios. Entretanto, por desconhecerem propostas alternativas, mantêm-se presos à ela. Essa dependência vai anulando a disposição para alterar esta triste situação, a qual se agrava ano após ano.

4. CONCLUSÕES

A cartilha, por si só, é ultrapassada. A Caminho Suave, de autoria de Branca Alves de Lima, por exemplo, teve sua primeira edição em 1949 e é reeditada, até nossos dias, sem grandes modificações. A grande maioria das cartilhas seguem a mesma linha, ou seja, a aprendizagem por repetição e condicionamento. Até as frases ou palavras-chaves são as mesmas; não há um mínimo de originalidade.

Da maneira como acontece a alfabetização, as crianças transformam-se em "papagaios", pois repetem sem compreender.

Entretanto, se o professor utiliza-a como um instrumento secundário, sem grande importância pedagógica, ela não tolherá a criatividade do aluno, não o tornará agente passivo. Há professores conscientes que limitam o uso do livro didático e abrem as portas da criatividade para si e seus alunos.

Os professores que se libertaram da cartilha afirmam que "dá mais trabalho para preparar e avaliar as aulas, mas os resultados são compensadores"⁽⁶⁾. Eles são exemplos claros da possibilidade de não adotar um livro didático. Observa-se que muitos fatores dificultam essa libertação, por exemplo:

- não há cursos de atualização para os professores;
- os cursos de Habilitação Magistério não preparam adequadamente;
- nas escolas não há discussão para a escolha do livro a ser adotado;
- os professores são desmotivados pelos baixos salários;
- os programas oficiais "amarram" os educadores, que não podem agir livremente;

- as escolas, em sua maioria, não possuem biblioteca, mimeógrafos; enfim, não há recursos materiais.

Infelizmente, um número considerável de professores ainda são dependentes do livro didático, utilizando-o como uma verdadeira "bíblia".

A dependência gerada pelo livro didático, muitas vezes, influencia a auto-avaliação do professor, pois este passa de adotante a adotivo da cartilha. Apoiado na idéia de que a cartilha é o modelo fundamental a ser seguido, o educador isenta-se da responsabilidade de descobrir novas maneiras de ensinar seus alunos, caso o desempenho destes não seja satisfatório. Isto ocorre devido a própria heterogeneidade do grupo, pois uns se adaptam a este tipo de ensino e outros não. Conforme pesquisas já realizadas, verificou-se que a cartilha destaca-se como a principal responsável pela repetência e evasão escolar, principalmente, nas classes populares.

Muito tem se falado sobre a regionalização das cartilhas; entretanto, com uma análise de sua estrutura percebe-se uma nítida cópia das tradicionais, permanecendo ligadas aos interesses do eixo econômico e cultural do país. As palavras usadas, quando são próprias da região, formam frases soltas, continuam sem sentido e dão uma idéia errada da vida, isto ocorre porque a regionalização não é feita de maneira séria. Por mais que neguem, os autores de cartilhas estão ligados, antes de mais nada, a interesses econômicos e editoriais, enquanto que o educando e a sua realidade são relegadas a um segundo plano.

NOTAS

- (1) Expressão retirada de resposta obtida do questionário elaborado para a coleta de informações da própria Monografia, ver anexo página 19.
- (2) SASAKI, Robinson. "Cartilhas fecham as portas da criatividade ao professor" in Nova Escola, vol. 4, número 36 (dezembro, 1989), página 40.
- (3) Expressão retirada de resposta obtida do questionário elaborado para a coleta de informações da própria Monografia, ver anexo página 27.
- (4) SASAKI, Robinson. op. cit., página 40.
- (5) SÃO PAULO. Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. O Ensino de Língua Portuguesa. SE/CENP, 1988, página 3.
- (6) SASAKI, Robinson e SOUZA, Nilson de. "Livro Didático: limite seu uso e abra uma porta para a criatividade" in Nova Escola, vol. 2, número 16 (outubro, 1987), página 30.

BIBLIOGRAFIA

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques. "Esquizofrenias" in Leia, vol. 10, número 109 (novembro, 1987), páginas 48-49.
- ABRÃO, José Carlos. "Cartilha e Cotidiano" in Revista Científica e Cultural, vol. 2, número 1 (1987), páginas 18-23.
- FELDENS, Martha. "Bê-á-bá, para tudo ficar como está" in Nova Escola, vol. 2, número 12 (maio, 1987), páginas 38-41.
- FREIRE, Paulo. "Não sou contra as cartilhas de alfabetização", Depoimento a Oswaldo Coimbra in Nova Escola, vol. 1, número 3 (abril, 1986), páginas 48-50.
- GERALDI, João Wanderley. "Livro didático de língua portuguesa: a favor ou contra?", Entrevistado por Ezequiel Theodoro da Silva in Leitura: Teoria e Prática, vol. 6, número 9 (junho, 1987), páginas 4-7.
- OLIVEIRA, João Batista Araújo e. "Cartilhas de alfabetização e regionalização do livro didático" in Cadernos de Pesquisa, número 44 (fevereiro, 1983), páginas 95-98.
- SASAKI, Robinson. "Cartilhas fecham as portas da criatividade ao professor" in Nova Escola, vol. 4, número 36 (dezembro 1989), páginas 40-42.

SASAKI, Robinson e SOUZA, Nilson de. "Livro Didático: limite seu uso e abra uma porta para a criatividade" in Nova Escola, vol. 2, número 16 (outubro, 1987), páginas 30-33.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. O Ensino de Língua Portuguesa. SE/CENP, 1988.

ANEXOS

A seguir, será anexado o questionário que entreguei às professoras e, em seguida, as respostas obtidas, as quais foram transcritas literalmente.

As professoras que colaboraram em meu trabalho foram:

- professora 1 : da EEPG Profª Ana Rita Godinho Pousa;
- professora 2 : da EEPG Monsenhor Luiz Gonzaga de Moura;
- professora 3 : da EMPG Raul Pila;
- professora 4 : Alzira, da EEPSG Carlos Gomes;
- professora 5 : Arlete Duarte, da EEPG Profª Terezinha do Menino Jesus Calil;
- professora 6 : Lúcia Cristina de Araújo, da EEPG Profª Terezinha do Menino Jesus Calil;
- professora 7 : Mara, da EEPG Monsenhor Luiz Gonzaga de Moura.

Meu nome é Célia Regina Colferai de Paiva, sou aluna de Pedagogia da Faculdade de Educação da UNICAMP. Estou realizando uma coleta de informações para a montagem de uma Monografia, a qual ficará arquivada na Biblioteca de minha faculdade e servirá para pesquisas e estudos de outros alunos.

A identificação não é necessária, fica a seu critério, só peço que coloque o nome de sua escola, pois é imprescindível a meu trabalho. Suas respostas muito ajudarão meu enriquecimento pessoal e profissional.

Antecipadamente agradeço.

1. Você utiliza a cartilha?
 - 1.1. se resposta positiva, qual?
 - 1.2. se resposta negativa, por quê?
2. Qual a importância da cartilha, a seu ver, no processo ensino-aprendizagem?
3. O que você acha da não-adoção do Livro Didático? Traz conseqüências positivas ou negativas?
4. Como você vê as propostas de alfabetização nas quais não é utilizada a cartilha?
5. Se tirarmos a cartilha de seus alunos (caso usem), você acredita que irão se atrapalhar ou isto estimulará a criatividade? Por quê?
6. É possível, dentro da estrutura educacional atual, não adotar a cartilha? Por quê?

7. Você acredita que os professores, na maioria, utilizam o Livro Didático como um meio ou como um fim em si mesmo, isto é, como protagonista da aula? Você acha esta postura adequada? Por quê?

8. Você acredita que se tivéssemos cartilhas regionais, que valorizassem a cultura do educando, o processo ensino-aprendizagem teria mais consequências positivas? Por quê?

9. Há estudiosos que criticam o tipo de texto usado em cartilhas, por usar frases "quebradas", sem muita criatividade, entretanto há quem afirme que usando as cartilhas diminuem os erros gramaticais. Qual sua opinião a respeito deste assunto? Qual posição você ocupa neste impasse?

10. "Adotar uma cartilha significa dosar e controlar toda leitura e produção escrita da criança" (ABAURRE, Maria Bernadete. "Esquizofrenias" in Leia, vol. 10, número 109 (novembro, 1987), páginas 48-49.). Você concorda ou não com esta frase? Explícite os motivos.

11. Caso deseje, deixo aqui um espaço aberto para que deixe uma mensagem ou uma experiência de sua vida profissional, no trabalho junto às crianças.

Agradeço sua atenção.

Célia

Professor 1

1. Não utilizo a cartilha porque descobri uma maneira maravilhosa de ensinar minhas crianças sem fazê-las robozinhos. Digo isto porque quando a utilizava era isto que eu fazia. Tenho dó de meus primeiros alunos, pois acho que "assassinei" a criatividade de cada um deles.

2. A meu ver, nenhuma. Muito pelo contrário, ela prejudica.

3. A não-adoção do livro didático é maravilhosa, desde que a professora esteja preparada para alfabetizar sem ela. Quando decidi jogar fora a cartilha encontrei inúmeras dificuldades, mas logo comecei a perceber que meus alunos aprendiam com mais prazer e foi isto que me deu forças para enfrentar tudo e continuar este trabalho.

4. Eu acho incrivelmente maravilhosa, mas o que acontece com a maioria dos professores é que não conhecem e criticam. É por isso que se torna difícil trabalhar dentro desta proposta, devido a estrutura educacional de hoje. Mas observe bem, eu disse difícil, não impossível.

5. Como não uso não faz diferença para eles.

6. Comprovadamente é possível não adotar a cartilha, só depende da criatividade e boa vontade do professor.

7. Infelizmente, a maioria ainda utiliza como um fim. Como você já deve ter percebido, sou contra esta postura pois alienamos os alunos e tornamos a escola chata.

8. Para nós que estamos no centro econômico do país, onde as cartilhas são elaboradas, não sentimos este problema. Imagine uma criança do Nordeste estudando numa das cartilhas daqui, obviamente encontrará mil dificuldades, o vocabulário é outro. É por isto que acredito que trará consequências positivas.

9. Concordo totalmente, para poder observar claramente, basta pegar a redação de uma criança alfabetizada com cartilha e de uma alfabetizada sem cartilha. A primeira reproduzirá textos idênticos aos da cartilha, enquanto que a outra usará criatividade.

10. Concordo, pois com a cartilha a criança perde a criatividade e passa a aceitar o que falamos sem questionar. Isto sem contar que geralmente tem medo de produzir algo diferente do encontrado em seus livros.

11. Eu cometi o erro de um dia trabalhar com cartilha, mas não tive medo de enfrentar o erro e mudar, contrariando todos que trabalhavam comigo. Para você que trabalhará com educação, não tenha medo de enfrentar as pessoas que se acham donas-da-verdade, lute por seus alunos e assim terá a consciência tranqüila e a certeza que está fazendo algo para mudar e melhorar a Educação Brasileira.

Professor 2

1. Não utilizo a cartilha porque meus alunos não têm condições econômicas para comprá-la e este ano o governo não mandou cartilha para eles.

2. A cartilha é o instrumento fundamental no processo ensino-aprendizagem, porque é ela que facilita o estudo em casa, não preciso perder tempo passando textos na lousa, isto sem contar que demoram uma vida para copiar. É uma pena estas crianças não poderem comprar a cartilha.

3. Tenho uma idéia bem precisa do assunto por não estar usando a cartilha e posso afirmar com muita convicção que traz conseqüências negativas. É simplesmente impossível passar lição-de-casa sem a cartilha porque o tempo da aula é ocupado para cópias e lições. Já trabalhei com cartilhas com muitas alunos e eles aprenderam a ler e escrever com muito mais facilidade que os que tenho agora. É por isso que acho a cartilha essencial.

4. Acho que estes métodos não funcionam, as crianças erram palavras que não tem cabimento. Na minha opinião não são alfabetizadas. Estes métodos alienam os alunos, isto sem contar que se tornam altamente desobedientes, não têm disciplina, não querem saber de ficar sentados e quietos como os bons alunos.

5. Meus alunos não usam cartilhas, mas eu acompanho a Caminho Suave, acho maravilhosa. Se eu não acompanhasse nenhuma, não tendo um roteiro de trabalho, acredito que minha aula seria bagunçada como destas linhas construtivis-

tas. Não acredito que estimule a criatividade, digo isto por experiência própria.

6. Eu acho que dentro da estrutura atual o difícil é adotar. A crise econômica afeta grande parte dos brasileiros que não conseguem nem comer direito, como é que comprarão um livro com este salário. Além disto, o governo não dá apoio, isto é, não manda cartilhas para os alunos. Na minha opinião não adotar a cartilha é muito fácil, o difícil é controlar e ensinar a classe sem ela.

7. O livro didático é um meio, pois o protagonista é e sempre será o professor. Esta é a postura adequada e todo professor que tem uma boa formação agirá assim.

8. Eu acho que valorizar a linguagem do aluno é um erro, principalmente quando usam gírias e palavrões, já imaginou o que iria virar? As cartilhas regionais não dão resultados positivos, pois desta maneira os alunos não aprenderão a cultura culta e não conseguirão ser alguém na vida.

9. Concorde que as historinhas são um pouco bobinhas, mas só pelo fato dos alunos não errarem eu digo que a criatividade das cartilhas pouco importa. Eu acho que cabe a professora primária ensinar ler e escrever. Agora, montar texto com grande imaginação é dever da professora ginásial, que dá redação, ensinar.

10. Concorde com a frase porque cabe ao professor controlar o aluno. Se deixar meus alunos lerem e escreverem o que bem entenderem, jamais estarão completamente alfabeti-

zados.

11. Desejo que vocês que ainda não têm experiência como professoras, não cometam o erro de acreditar que a teoria e a prática são iguais.

Professor 3

1. Sim. Caminho Suave.
2. É um método fácil e prático.
3. Se o ensino for criativo e suficientemente compatível, não vejo porque conseqüências negativas.
4. Como já disse, se as propostas para o aprendizado forem bem elaboradas com professores criativos, pode-se deixar a cartilha.
5. No início creio que sim, pois qualquer mudança com crianças requer tempo.
6. É possível, mas os professores tem que ser treinados, ou digamos, educados para isso.
7. Como um fim, pois se fossem usadas adequadamente e com criatividade, o ensino não estaria baixo como hoje.
8. Ainda tenho dúvidas quanto isso.
9. Concordo que há falta de criatividade, mas como você diz na pergunta diminuem os erros gramaticais e isso é muito útil.
10. Não. Pois o professor com ou sem cartilha também tem sua parte, cabe a ele completar a aula e incentivar os alunos.

Professor 4

1. Sim, mas as cartilhas que uso são diferentes, isto é, não é a mesma para a classe toda.

- Dando Asas à Imaginação (exercícios de redação), volumes I e II.

- Escreva Corretamente (volumes II e III).

- Livros diversificados de Ciências, Estudos Sociais e diversas histórias que muitas vezes fica a critério do aluno a ser estudado.

2. Desde que o livro seja com histórias diversificadas para a criança, para que possamos explorá-lo.

3. O professor deve estar muito bem preparado para não se apoiar em livros didáticos, pois trabalhar demonstrando insegurança a criança se sente insegura também.

4. Como já disse, pode trazer resultados ótimos, mas pode desmoronar toda uma estrutura que a criança tem, se não for bem trabalhada.

5. Prá eles não faria diferença, eu trabalho com a criatividade deles. Os pequenos textos que temos nos cadernos eles elaboraram, não copio dos livros, estes ajudam em pesquisas e/ou vocabulário, redação, ortografia.

6. Claro que sim, pois muitas cartilhas nada oferecem. Deturpam a realidade da criança, bitolando suas idéias.

7. É claro, alguns professores não dão aula, ape-

nas vão à escola. Podemos culpar ou julgar (apesar da forte expressão) esses professores como "criminosos da educação", pois não educam, apenas faz com que esse país regreda.

8. Cartilhas regionais? Como? Cada criança tem uma realidade. A classe toda faz parte de uma mesma sociedade capitalista, mas não pertencem ao mesmo bairro, a mesma família.

9. Posso explicar através de uma frase de cartilha para enfatizar "al".

"Alba lava roupas azuis

Coloca as roupas no balde

Lava fraldas e coloca para alvejar".

Cada criança entende "balde" para um determinado utensílio:

- balde para colocar leite;
- balde para colocar roupa;
- balde para lavar quintal;
- balde para puxar água de poço;
- balde para transportar água;
- balde para limpar chão.

Podemos observar alguns significados para "balde". Como uma criança de zona urbana, classe média alta, pode imaginar balde para puxar água do poço, ou transportar água. O irmão mais novo usa fraldas descartáveis em balde jamais será imaginado para colocar fraldas de molho.

Poderia enfatizar muitos exemplos, mas acredito que pude enfocar meu ponto de vista.

Cartilhas que afunilam os pensamentos podem não "criar" erros gramaticais, mas podar os pensamentos criativos de nossas crianças.

Professor 5

1. Sim. Mas uso vários livros didáticos, dentre eles: Mundo Mágico (Ed. Ática); Conversar, Ler e Escrever (Ed. Moderna); Festa das Palavras (Ed. FTD).

2. Para nos indicar alguns tipos de atividades, de textos e fazendo com que os alunos formem suas próprias opiniões sobre textos lidos.

3. Como leciono em escola de periferia, onde a situação econômica da maioria dos alunos é precária, não adoto nenhum livro didático. Dependendo de como trabalharmos com a classe, as conseqüências poderão ser positivas ou negativas.

4. Uma maneira de incentivar a criatividade do educando, é a observação do meio em que vive, utilizando a sua própria realidade para a alfabetização. Mas também pode ser prejudicial, caso o professor não souber incentivar o aluno adequadamente.

5. Dependendo da orientação recebida pelo aluno, poderá desenvolver a sua criatividade como também poderá atrapalhar-se.

6. É possível se trabalharmos com um número pequeno de alunos, com material pedagógico disponível, porque esse tipo de alfabetização exige um trabalho individual, isto é, o professor com cada aluno. Mas dentro da estrutura educacional atual, acredito ser muito difícil.

7. Acredito que a maioria dos professores utilizam

o livro didático como um meio. Não acho a postura adequada de um professor que o utiliza como um fim em si mesmo, porque, desta forma, estará se esquecendo do aluno, da sua forma de pensar, de agir, como um ser humano.

8. Sim. Dessa maneira estaríamos valorizando a realidade do aluno, incentivando-o a interessar-se mais pelos estudos.

9. Podemos usar cartilhas e também incentivar a criatividade do aluno. Não me prendo somente aos textos lidos, também motivo-os a formarem histórias, depois faço um trabalho em conjunto com os alunos sobre as dificuldades encontradas nas histórias, tentando sanar os erros ortográficos, gramaticais.

10. Depende de como o professor utiliza a cartilha, se ele se prende totalmente a cartilha, concordo com a frase. Mas se utiliza somente como um meio, não.

11. Para formarmos indivíduos pensantes, críticos, é preciso, antes de tudo, mudarmos a situação política-sócio-econômica do nosso país. Através da escola observamos as conseqüências de um país subdesenvolvido, mas acredito que, para mudarmos essa situação, é preciso de muita educação, cultura e precisamos lutar por isso.

Professor 6

1. Sim. Eu Gosto de Aprender.
2. É como os talheres nas refeições, essencial, pois a criança visualiza as "lições" juntamente com desenhos, sendo útil na fixação das letras, palavras e ajuda também no aprendizado e manuseio da cartilha.
3. Na primeira série é necessário, mas nas outras séries nem tanto, aí pode ser que os resultados sejam positivos.
4. São válidas, pois as crianças trabalham de uma maneira diferente, conheci uma professora que não utilizava cartilha e pedia a seus alunos que trouxessem recortes com nomes (rótulos de produtos) e através de uma palavra ela começava a alfabetizar.
5. Se atrapalhariam se eu não tivesse um método a adotar, se caso tivesse, acho que seria capaz de continuar o trabalho, no começo acho que se atrapalhariam, até se habituarem seria difícil, mas depois daria certo.
6. Sim. desde que a escola tenha estrutura, o que não acontece em escolas públicas.
7. Não. Pois o professor deve usar a cartilha como apoio, mas ao mesmo tempo usar sua "bagagem" nas aulas.
8. Sim. Pois a criança já se sentirá "em casa", as palavras do seu dia-a-dia e seus costumes aparecerão. Porque

o aluno além de ter que se adaptar à escola, encontra um livro com palavras muitas vezes diferentes de seu costume, o que dificulta muitas vezes.

9. Fico no meio termo, pois muitas vezes os textos são sem criatividade, mas ao mesmo tempo ajuda os alunos a criarem "em cima" frases com sentido e quanto aos erros cabe ao professor corrigi-los.

10. Não. Uso cartilha para, ou melhor, como um apoio e não fico só "ali" e sim mostro outras realidades ao lado da realidade de cada aluno.

11. Alfabetizo há um ano, é uma experiência gratificante e aprendo muito também. Só que o grande segredo, na minha opinião, é gostar daquilo que se faz, pois fica mais fácil atingir os objetivos. Caso não se gosta do que faz no primeiro obstáculo já é motivo de desânimo.

Espero que minhas respostas ajudem em seu trabalho.

Professor 7

1. Não. Alfabetizo há quatorze anos e nunca trabalhei com cartilha.
2. Não gosto dos textos das cartilhas, prende muito a professora e os alunos dentro de um processo pouco produtivo e construtivo.
3. Não traz consequências negativas, sem o livro texto o aluno e o professor terão que pesquisar sobre a aula.
4. Sempre é uma tentativa válida e positiva.
6. Sim. Os textos são fora da realidade e sem criatividade e já estão ultrapassados.
7. A maioria das professoras usam a cartilha ou livro por ser cômodo e prático. O professor não tem tempo de pesquisar e também o salário é desestimulante.
8. Pode ser.
9. O aluno deve aprender a utilizar a gramática "usando" os textos produzidos por eles e com um trabalho orientado pelo professor.
11. O trabalho junto às crianças é maravilhoso. Só que o professor necessita de tempo para reciclar, pesquisar, planejar suas atividades e não tem; o que é pior é muito mal remunerado.